

A DIMENSÃO COTIDIANA NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE*

[The daily dimension in the health assistance]

Marta M. Coelho Damasceno**

Regina Lúcia Mendonça Lopes***

Ivis Emília de Oliveira Souza***

Maria Francilina Frota Loureiro****

RESUMO: Análise fenomenológica da situação vivencial dramatizada no filme "Um Golpe do Destino". Para tanto, foi utilizado o pensamento filosófico de Martin Heidegger, expresso em *Ser e tempo*. A partir das concepções deste pensador, foram tecidas considerações sobre a prática assistencial de enfermagem.

PALAVRAS CHAVE: Filosofia em Enfermagem; Assistência à Saúde; Enfermagem.

Introdução

Segundo Field e Morse (1985), os pesquisadores em fenomenologia podem iniciar seus estudos com uma interrogação que os inquieta, e, também, a partir do **olhar atento** lançado sobre uma poesia ou um filme. Inspiradas neste pensamento, reunimos notas de aula da Prof^a Dr^a Telma Donzelli¹ para a análise do filme "Um Golpe do Destino" com base, sobretudo, no pensamento filosófico de Martin Heidegger.

A película, baseada no livro de autoria de E. Resenbraum intitulado "A Taste of My Own Medicine", é dirigida por Randa Hines e produzida por Laura Ziskin. O roteiro de Roberto Caswell apresenta William Hurt, como autor principal, no papel do Dr. Jack Mackee.

Com duração de uma hora e vinte e três minutos, o filme tem como tema central as reações de um competente e famoso cirurgião, Dr. Jack Mackee, que vivencia a experiência de tornar-se cliente devido a um câncer de laringe. Tal experiência, que o obriga a conviver com outros clientes oncológicos, bem como a vivenciar o **cotidiano** assistencial não somente como médico, transforma-se em uma lição de vida. Decorrem, assim, significativas mudanças nas suas relações com o **mundo circundante** - o ambiente com o qual estava familiarizado; o **mundo humano** - a convivência com as outras pessoas; e o **mundo próprio** - as relações consigo mesmo.

Apresentando o Referencial Filosófico

Para melhor situar o leitor, cabe-nos antes apresentar alguns matizes do pensamento de Martin Heidegger, sobre a **existência** humana, desenvolvido em *Ser e tempo* (1993), produção que marcou a história da filosofia contemporânea por sua originalidade e profundidade reflexivas.

Fecundado na fenomenologia husserliana, *Ser e tempo* apresenta o projeto heideggeriano constituído da **existência temporal** da **presença** como base para a

construção da teoria geral do **ser**. A fenomenologia representa o caminho para o **sentido** do **ser**, objeto da investigação ontológica deste pensador.

A temática de interesse heideggeriano é o **ser**e, nessa obra principal, o filósofo está em busca do **sentido** do **ser**, tendo como preocupação o mostrar-se deste objeto de estudo em seu movimento de velamento e desvelamento. O marco fundamental de seu pensar é a tentativa de **compreensão** e de admiração do **ser** e, para tal, torna-se necessário analisar um **ente** privilegiado.

Assim, *Ser e tempo* representa uma analítica **existencial** do **ente** que cada um de nós somos e que, entre outras **possibilidades**, possui em seu **ser** a **possibilidade** de questionar. A essência deste **ente** humano, designado pelo termo **pre-sença**, está em ter de **ser**, em sua **existência**. **Existência** é denominada por **Dasein**, termo alemão que é traduzido nessa obra pela expressão **ser-aí**.

No pensamento de Heidegger, **existência** não é usada na concepção da ontologia tradicional que a considera como **ser** simplesmente dado, algo de real. **Existência**, termo de derivação latina, é entendida por sua etimologia que aglutina a preposição **ek** e o verbo **sistere**, significando estar fora de, numa postura externa a.

Nesse entendimento, o termo concebido como estar fora da realidade e na direção da **possibilidade**, só se aplica ao homem, **ente envolvente**, dotado do **ser** da **pre-sença**, cujo destino é **existir** junto a **entes** simplesmente dados que, como presentes, apenas são.

Dando sentido diferenciado a certos termos da filosofia clássica, Heidegger reveste-os de um significado especial, valorizando, sobremaneira, as raízes das palavras gregas e alemãs. Chamando atenção para a noção etimológica, utiliza-se da hifenização, não para efeito de ligação entre elementos de palavras compostas, mas como artifício ortográfico, através de cadeias de hífen que declaram o retorno às origens da linguagem. Ao hifenizar, ele chama a atenção para o sentido da palavra, possibilitando que se revele (Lopes, 1996).

Na sua maneira de pensar Heidegger, reforça que **existir** é ser **projeto**, é ultrapassar as **possibilidades**, é **poder-ser**, é ser **transcendente**.

O **ser-aí** não é algo fechado de que há que sair para encontrar o mundo; o homem é **abertura** e já é sempre e, constitutivamente, relação com o mundo. Nesse mundo ele encontra as coisas e as outras pessoas e por isso, para Heidegger, o **ser-no-mundo** é, necessariamente, um **ser** relacional, é **ser-com**. Mas o **ser-aí** pode **ser-com** os **entes** simplesmente dados, as coisas, travando uma relação de **ocupação**, e pode **ser-com** os **entes** humanos, estabelecendo uma relação de **preocupação** ou de **solicitude**.

Assim, **sendo-no-mundo**, a **pre-sença** sempre **existe** enquanto **sendo-com-os-outros**. Portanto **ser-no-mundo** e **ser-com** são **modos de ser** pertencentes ao **ser-aí**, que se expressam pelo **ocupar-se** das coisas e pelo **preocupar-se** com os outros. No **existir cotidiano**, na relação **inautêntica**, algumas vezes, a **pre-sença** **preocupa-se** com as coisas e **ocupa-se** dos outros.

No pensar heideggeriano, o **existir cotidiano** é o **modo de ser** inerente ao humano, que consiste em **existir** ligado ao **espaço e tempo públicos**, ou seja, ao mundo de todos, ao **impessoal**.

Para esse filósofo, a questão sobre o **sentido** do **ser** só se dará de modo suficiente, quando encontrar explicação e esclarecimento acerca do modo específico da ontologia tradicional ligada pelo passado, de seus encaminhamentos, de suas questões, de suas respostas e fracassos, como algo,

*Trabalho orientado pela Prof^a Dr^a Telma Aparecida Donzelli/IFCH/UERJ.

**Docente do Dept^o de Enfermagem/UFC - Doutora em Enfermagem.

***Docentes da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ - Doutoradas em Enfermagem.

****Docente do Dept^o de Enfermagem/UFC - Mestre em Enfermagem.

¹Aula ministrada na disciplina "Introdução à Pesquisa Fenomenológica" dos Programas de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica (Mestrado) e (Doutorado) Interunidades, na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP em 01/12/95.

necessariamente, ligado ao *modo de ser* da *pre-sença*. Por isso ele faz em *Ser e tempo* uma *destruição* da história da ontologia.

Esse movimento não possui o caráter negativo, de negar ou de anular o saber factual da metafísica sobre o *ser*. A *destruição* é desmontar a *facticidade*, mostrar o que obscurece o *sentido* do *ser* e construir a instância deste fenômeno.

Outra dimensão analisada por Heidegger é a da *morte*. Na vivência da *morte*, o humano, como *pre-sença*, toma consciência de si mesmo como um *aí*, remetendo-se, assim, ao seu sentido originário de *possibilidade pura*. A *pre-sença* penetra no mais íntimo de sua *existência* e compreende-se como um *ser-para-a-morte*. Segundo Heidegger, dentre as *possibilidades*, a *morte* é uma *possibilidade* privilegiada da *pre-sença*. É a *possibilidade* ontológica mais própria, irremissível e insuperável que a *pre-sença* enquanto *existente*, tem que assumir.

Metodologia

Utilizando como recurso o vídeo para assistirmos várias vezes ao filme, extraímos cenas que foram analisadas, sobretudo, tendo como suporte o pensamento filosófico de Heidegger expresso em sua mais célebre obra. Nessa, são desenvolvidos os *modos de ser* do *ser-aí* e desveladas as dimensões *existenciais* constitutivas do *ser* da *pre-sença*. Entre estas está a dimensão da *cotidianidade*, dimensão em que o filme em debate se desenrola. Assim, analisando "*Um Golpe do Destino*" à luz deste pensador, são destacadas cenas que representam a *destruição* da tradição hospitalar.

Vale ressaltar que, em alguns momentos, recorreremos ao pensar de Levinas (1991), para abordar o fenômeno do sofrimento, e ao de Sartre (1939), para analisar a teoria das emoções.

As doze cenas extraídas para a análise fenomenológica apresentam-se aqui como momentos trazidos em tipo gráfico caixa alta. Destacam-se, em itálico, os nomes das personagens e suas falas; em tipo gráfico comum entre parênteses, a percepção de seus sentimentos pela expressão facial, pelo tom da voz, pelo silêncio e pelos gestos. Logo abaixo tem-se, em negrito, a análise fenomenológica correspondente a cada cena. Nesta etapa os conceitos heideggerianos estão grifados em itálico.

Análise Fenomenológica

A PRIMEIRA CONSULTA COM A DR^a LESLIE ABBOT

Diante da sintomatologia que vinha apresentando, procurou esta especialista. Estendendo a mão apresenta-se:

Dr. Mackee: - Jack Mackee.

Dr^a Leslie: - Eu sei. (com ar de indiferença, mostrando-se ligeiramente surpresa com a importância que ele dá a sua apresentação, o que nada significa para ela) *Sente-se.*

Análise:

Antes da doença, Dr. Mackee *existia* na *cotidianidade*. O seu *espaço* e o seu *tempo* eram centralizados nas *entidades*. Ele era uma *entidade* que se relacionava com outras *entidades*. Os clientes, os companheiros de profissão e a família eram uma coisa fechada. Ele não percebia o remetimento constante à *possibilidade pura* que é o *Dasein*.

Nesse primeiro contato, ele já começa a sair do *cotidiano*. Choca-se com a atitude da médica que, na verdade, é idêntica a sua, ou seja, no nível das *entidades*.

Dr^a Leslie (após um minucioso exame): - *O doutor tem um tumor.*

Dr. Mackee (fácies demonstrando sentir-se chocado com a forma pela qual foi informado do diagnóstico)

Análise:

Choca-se com esta atitude que o nivela a uma coisa, a um objeto. O que lhe chama a atenção não é o que ela disse, mas a forma como disse. A cena mostra que a Dr^a Leslie não se incomoda com o contexto; pelo contrário, no seu *cotidiano* vive presa ao texto.

Nesse momento, inicia-se para o Dr. Mackee uma vivência da *morte*. Ele começa a se afastar do *aí*, remetendo-se ao seu *em si mesmo*, a *singularidade pura*.

O DIÁLOGO COM A ESPOSA

Após a descoberta do diagnóstico, sua esposa pergunta:

Anne: - Que descobriram? Descobriram algo?

Dr. Mackee: (com um gesto afirma que sim)

Anne: - Vamos superar!

Dr. Mackee: - Nós ? Nós não temos nada. Não é um jogo de equipe.

Análise:

A *singularidade pura*, cujo remetimento já se inicia na cena anterior, é também mostrada nessa conversa com a esposa.

Essas palavras traduzem a consciência da *singularidade*. O Dr. Mackee começa a estar só com ele mesmo, quer dizer, com a sua realidade de *Dasein*, capaz de compreender-se, sendo *aí*, não se fechando em nenhum *aí*.

BIÓPSIA DO TUMOR

Deparando-se com a nova realidade, o Dr. Mackee vai ao hospital para fazer a biópsia. Nessa ocasião, começa a estranhar tudo. Não reconhece, no atendimento, aquele hospital como sendo o mesmo onde exerce sua profissão. Impacienta-se com a longa espera e diz para a esposa que o acompanha:

Dr. Mackee: - Por que estou aqui como um cara qualquer? (levanta-se irritado e dirige-se ao balcão de informações onde tem um diálogo com a atendente)

Atendente: - Nome?

Dr. Mackee: - Dr. Mackee.

Atendente: - Primeiro nome?

Dr. Mackee: - Pertencço ao corpo cirúrgico deste hospital há 11 anos!

Atendente: - Então sabe sobre o preenchimento das fichas!

Análise:

Inicia-se, então, o processo de *destruição* da tradição hospitalar, ou seja, de todo aquele processo *cotidiano* tradicional. Ao mesmo tempo ele começa a afastar-se do *cotidiano*, que é a instância da *inautenticidade* hospitalar ligada e fundada na tradição. Então, começa a perceber o descompromisso da rotina do hospital com o seu *ser mais próprio* como: ter de

preencher fichas, sentar-se em cadeira de rodas, dividir o quarto com outro paciente e ser invadido em sua privacidade. Percebe que a sua vivência e a sua fama, como profissional daquela instituição não são consideradas.

AGUARDANDO O ENCAMINHAMENTO PARA A BIÓPSIA

Um colega de profissão vai visitá-lo e admira-se por não encontrá-lo num quarto particular. Tentando ser solidário e referindo-se ao exame, pergunta:

Dr. Murry Caplan: - Quer que eu vá com você?

Dr. Mackee: - Quero que vá em meu lugar.

Análise:

Tal afirmativa expressa a busca de conciliar o cotidiano com a singularidade do seu ser mais próprio. Significa dizer: "Para estar comigo, é preciso ir no meu lugar. Não há outra maneira."

Em Heidegger, o *aí* é um *estar-com*. Mas, quando o ser humano se encontra no processo de saída do *aí*, neste contexto a interrogação "Quer que eu vá com você?" representa *ser-junto-a* e não *ser-com*, o que denota uma *solicitude inautêntica*.

Ao ser carregado na maca pelos corredores do hospital usando um avental transparente, sentiu-se invadido mais uma vez em sua privacidade. Tenta conversar com o maqueiro:

Dr. Mackee: - Tem um avental mais fino? Não sei se todos conseguem ver através deste aqui. Maqueiro: (silêncio como resposta)

Intromete-se na conversa de dois médicos que vão passando e, diante da admiração destes, diz:

Dr. Mackee: - Sim, eu falo. É incrível!

Análise:

Este grito significa a sua reação por perceber-se "coisificado". O homem, diz Heidegger, não é uma coisa, uma substância, um objeto; lembrando que Husserl exigia para o homem uma constituição diferente das coisas da natureza.

O relacionamento conjugal do Dr. Mackee tornou-se cotidiano. Mas a esposa, diante do prognóstico, comenta:

Anne: - Eu não suportaria sem você.

Análise:

Desde o início, o filme mostra que eles se relacionam o tempo todo como *entidades*. Com esse comentário feito por Anne, ela expressa que pensa no acabamento dele e, assim, não consegue relacionar-se de forma a remeter-se ao que está sendo por ele vivenciado. Enquanto o Dr. Mackee está se remetendo à *possibilidade pura*, não se fechando em nada, a esposa está fechada. No pensar heideggeriano, ela está tendo, na experiência da *morte* do outro a experiência do acabamento.

A COMUNICAÇÃO DO RESULTADO DA BIÓPSIA

Percebendo que a Dr^a Leslie ia comunicar-lhe o resultado da biópsia, ele pergunta:

Dr. Mackee: - A patologia jogou o I Ching?

Análise:

O I Ching é o livro das mutações utilizado pelos chineses. Fazendo uma analogia com o pensamento heideggeriano, o I Ching é a sabedoria da *possibilidade pura*. Em Heidegger, a pergunta do Dr. Mackee significa: "A patologia jogou a *possibilidade pura*, as *possibilidades que eu sou?*"

Nesse momento, a Dr^a Leslie comunica-lhe a malignidade do tumor e diz da necessidade de encaminhá-lo para um radioterapeuta.

O ENCONTRO COM O RADIOTERAPEUTA

Dr. Charles Reed: - ... O tratamento começa amanhã, se os gânglios não forem afetados.

Dr. Mackee: - E se forem afetados?

Dr. Charles Reed: - Discutiremos outro tratamento com a Dr^a Abbot.

Dr. Mackee: - E comigo também.

Dr. Charles Reed (admirado): - É claro!

Análise:

Esta cena mostra que sempre há referência ao *ser-com inautêntico*. Ao encerrar o diálogo dessa maneira, Dr. Mackee está considerando tudo como um jogo de dados, um lançamento que corresponde, realmente, à vivência do estar lançado *aí*. É a situação de entrega a este *aí*, ao qual ele é chamado, cada vez mais, a assumir. Ao mesmo tempo, Dr. Mackee está sempre se remetendo a *possibilidade pura* e tomando consciência do lançado *aí*, quer dizer, do jogo de *possibilidades que ele é*.

O PRIMEIRO ENCONTRO COM JUNE NO SERVIÇO DE RADIOTERAPIA

June: - ... Tenho tumor no cérebro. Levaram três meses para descobri-lo...

Dr. Mackee: - Meu pai teve um paciente com um tumor igual ao seu. Ele agora tem netos.

June: - Fala sério?

Dr. Mackee: - Claro!

Análise:

Nesta cena, além do Dr. Mackee, outras personagens vão começar a ser, como diz Heidegger, chamadas a *ser*. É o caso de June. Na conversa entre os dois ainda fica um resquício de *inautenticidade*. Ele não resiste a relacionar-se com June como se ela fosse uma *entidade*. Mente, não atentando para o outro no seu *em si mesmo*. É como se dissesse: "Você é mais um caso e, assim, poderá curar-se."

DANÇAS NO CENTRO CIRÚRGICO

No filme as emoções são tratadas pela dança, a solução mágica. Dança-se no início das cirurgias, bem como ao término daquelas que tiveram êxito. Cada vez que há uma emoção forte, há uma dança.

Análise:

Na visão fenomenológica, a dança é aqui analisada como uma maneira mágica de se relacionar, de *existir e, assim, é significativa*.

A dança está, também, em concordância com a teoria das emoções de Sartre que mostra a alegria, a

tristeza, todo o sentimento, enfim.

O TERCEIRO ENCONTRO COM JUNE

June: - Eu nunca estive em Londres, ou na Itália. Não tive um filho. Não sei comer com pauzinhos. E tinha ingresso... para ver o Balé Indígena Americano quando estiveram aqui. Sempre quis vê-los. Tem roupas incríveis... Mais uma coisa para colocar na minha lista.

Dr. Mackee: - Eles voltarão.

June: - Em seis meses.

Análise:

Neste diálogo, tem-se o sofrimento. Emmanuel Levinas é o filósofo que, inspirado no pensamento de Heidegger, se ocupou do fenômeno do sofrimento. O sofrimento, diz Levinas, é aquela situação *existencial* na qual estamos presos a um *aí* que não podemos mais ser. Quando o sofrimento é físico, envolve o corpo. Não se pode sair do corpo. Mas, há o sofrimento moral no qual não podemos sair do *existir*. Somos chamados a estar *aí*, e já não temos mais condições de *ser-aí*. Por isso June sofre. Ela começa a remeter-se a *si mesma* como outras *possibilidades*, em seu *sentido originário*, enquanto *possibilidade pura*.

NOVO ENCONTRO COM JUNE

O drama *existencial* vivido por June e Dr. Mackee os une. Isso faz com que ele a convide para assistir ao Balé Indígena que se apresenta em outro Estado. No caminho, June pede-lhe que pare o carro e ele preocupa-se em perder o concerto. Ela diz:

June: - Não é o concerto. É o tempo. Está passando correndo por mim. Não quero que isto (referindo-se a bela paisagem) passe por mim. Não quero mais nada passando por mim. Não agüento mais.

Análise:

É o tempo próprio, singular, sobrepondo-se ao tempo público. Segundo o pensar de Heidegger, é a autenticidade.

Dr. Mackee para o carro, ambos descem e June diz:

June: - Sabe o que é especial para mim? De verdade? Isto. (nesse momento, retira o lenço e revela a alopecia)

Análise:

Este é o desvelamento final, momento especial para ela. É o mesmo que dizer: "É agora que eu vou me desvelar totalmente." A retirada do lenço simboliza o desvelamento. Então, eles dançam. A dança é a comemoração da *liberdade*, da vivência mútua dos seus em *si mesmos*, de *si mesmos* como *liberdade*. A *liberdade* para Heidegger é nos desvelarmos a nós mesmos como finitude.

A CIRURGIA DO DR. MACKEE

O tratamento radioterápico não surtiu efeito e ele teve de submeter-se a laringectomia parcial. Diante das atitudes desumanas da Dr^a Leslie ele procura o Dr. Bloomfield, a quem sempre tratara com grosseria e discriminação. Pede-lhe que o opere e obtém o aceite do colega. A cirurgia acontece e o sucesso é comemorado com dança.

Após o seu restabelecimento, volta a clinicar mudando completamente sua relação com os colegas, pacientes, alunos e familiares.

Análise:

Tem-se a *pre-compreensão* na *destruição* da tradição hospitalar vivida pelo Dr. Mackee. *Pre-compreensão* esta que funda a sua *compreensão*, isto é, o seu *espaço e tempo* desvelados na sua vivência da *morte*, o remetimento ao seu *sentido originário* de *possibilidade pura* o leva a uma nova *compreensão*.

Essa *compreensão* se reflete em seu comportamento profissional, posterior à vivência da doença, como o observado durante a distribuição de aventais utilizados pelos clientes aos residentes sob sua responsabilidade. Firme em sua concepção, Dr. Mackee assim se dirige ao grupo:

Dr. Mackee: - Agora vocês vão ter a experiência de ser pacientes!

Análise:

Em Heidegger isto quer dizer: "Vamos experimentar esse *aí*! Não há um único *aí* mas muitos *aís*. Nós somos *possibilidades* de *aís*. Um dia eu sou médico, no outro sou cliente."

Algumas Considerações para a Enfermagem

Esta análise, além de identificar o *cotidiano* assistencial, nos conduz à reflexão da importância de compreender o outro, o cliente que se coloca diante de nós na prática da enfermagem.

O significado de um determinado comportamento está fundado no *sentido* que cada um de nós é, enquanto *existente*. Questões significativas à *existência*, como a *angústia*, o *temor* e a *liberdade* dão-se no homem, não se esgotando o humano na *entidade* encarnada em que ele se dá; questões dessa natureza não podem ser explicadas, mas, sim, compreendidas. O *mundo* onde cada um de nós *existe* como *espaço e tempo próprios*, é objeto de *compreensão* e não de conhecimento.

O homem é o *existente* que compreende o *ser* e, que tem a *compreensão* como algo inerente e não conquistado. Assim, sendo a *compreensão* um *modo de ser*, o ato de compreender é, pois, entrar no movimento do outro; é entrar em sintonia; é *co-existir*.

Para a fenomenologia, abordagem compreensiva que visa ao estudo do ser humano em sua totalidade *existencial*, o homem é fenômeno; é o que se mostra em si mesmo e, como tal, não pode ser tratado como algo fechado, definido, acabado, pronto, causado. Nesse entendimento, todo o humano se caracterizando por não ser isto ou aquilo, por não se fechar no *ente, está-aí* de certa maneira, tendo sua *existência* fundada no seu *modo de ser*, nas suas *possibilidades*.

Portanto, na aproximação do outro em busca de sua direção, de seu *sentido*, de seu *modo de ser*, devemos acolhê-lo sem julgamentos em suas percepções, sentimentos e atitudes, como *ser* aberto, único, singular, dinâmico. A relação de *preocupação* com o outro, conduz-nos a *compreensão* de seu movimento próprio como acontecer.

Estar vivenciando uma situação de doença, como o filme retrata, envolve uma dimensão biológica, psicológica, social mas, sobretudo, uma dimensão *existencial*. Assim, a doença não pode ser tratada como coisa pois tem raízes em uma *existência*; é modo de *existir* e meio do organismo dizer seu estado. O tumor em exame não pode ser isolado, pois não é uma coisa, mas um estado de desequilíbrio e, portanto, questão estrutural.

O profissional imbuído de crenças, de preconceitos e pressupostos exerce, muitas vezes, a assistência de modo autoritário e descomprometido com o seu **ser mais próprio** no ser e no fazer. Colocando-se não como **ser-com** mas, como **ser-junto-ao-cliente**, no **modo de ser** do **impessoal**, desconsidera o outro como **pre-sença, poder-ser**. Nesse movimento, a relação se dá entre entes apenas fisicamente presentes, descartando-se, assim, a **possibilidade** de encontro em que cada um, como singular, pode vir a ser ele mesmo.

Todos nós temos momentos de **autenticidade** e de **inautenticidade**, e de acordo com o **modo de ser** de cada um, essa **inautenticidade** se torna mais presente. A **cotidianidade**, que em Heidegger se caracteriza pelo **falatório**, pela **curiosidade** e pela **ambigüidade**, é uma dimensão **existencial** do **ser-aí**. O desafio do homem é **existir**, é vivenciar o cotidiano de maneira **autêntica**.

Ao pautarmos nosso comportamento mediante um saber das coisas e das pessoas, comprometendo-nos com o **ser** mesmo e não a partir do que se diz, ou seja, da **existência** à maneira de todos, temos comportamentos **autênticos** e a **possibilidade** de sermos **pre-senças**. Tendo o humano o desafio **existencial** de marcar-se como **pre-sença**, sem abdicar do seu **ser mais próprio**, a experiência vivenciada pelo Dr. Mackee coloca-o **sendo-com-o-cliente** na ordem da **pre-sença** e não na ordem da determinação.

Considerando a tendência dos profissionais de voltar sua atenção para o outro holísticamente, apropriamo-nos do pensamento de Capalbo (1994) para defender a utilização da abordagem fenomenológica na prática do enfermeiro. Na visão da referida filósofa:

... uma das finalidades da enfermagem é justamente "cuidar do outro" que implica coexistência e participação; o oposto, portanto, de um tipo de "cuidar" que venha a ser manipulação e dominação do outro. Oposto ainda aos modos institucionais de rotinas e de tarefas a que a enfermagem se vê obrigada a desempenhar por tradição ou hábito, quase que mecanicamente. Oposto aos comportamentos de acomodação, de competição, de indiferença, de distanciamento, de apatia, de descrença, de passividade, de descompromisso, tantas vezes verificado na prática profissional...

O cuidar em enfermagem, baseado menos em rituais e em rotinas e mais voltado para estratégias flexíveis e centradas na pessoa, também é analisado, na fenomenologia, por Kretlow (1990). Cuidar, além de competência técnica, envolve:

ouvir sem parcialidades ou idéias pré-concebidas, refletir, usar a lógica, e se necessário a intuição..., ajudar nossos pacientes a imaginar possibilidades..., para ver além do aqui e agora da experiência.

Nesse sentido, Takito (1982) compreende que, conceitualmente, o ser enfermeiro difere do ser humano, porque acresce a este o primeiro, não como somatório, mas como direcionamento último de um, ser para o outro.

Assim, o enfermeiro aberto a seu semelhante e direcionado para o **cuidado** e a **preocupação**, vai além do "ter de fazer", no compromisso do **ser-com-o-outro**. Com essa **compreensão**, ao aplicarmos a metodologia da assistência de enfermagem poderemos considerar o **ser-aí** como **projeto**, não interpretando o **seu modo de ser** como um plano de comportamento, mas, como algo que se refere às **possibilidades** da **pre-sença**.

thinking contained in *Being and Time*. Based on Heidegger's conceptions were made considerations about nursing practice.

KEY WORDS: Philosophy Nursing; Nursing: Medical Assistance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CAPALBO, C. Considerações sobre o método fenomenológico e a enfermagem. **R. Enferm. UERJ**. R J, v.2, n.2, p.192-197, out. 1994.
- 2 FIELD, P.A., MORSE, J.M. **Nursing research: the application of qualitative approaches**, Rockville: Aspen, 1985.
- 3 HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Parte I. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- 4 KRETLOW, F. A phenomenological view of illness. **Aust. J. Of Adv. Nurs.**, Sydney v.7, n.2, p.8-10, Dec. 1990.
- 5 LEVINAS, E. **Le temps et l'autre**. 4. ed. Paris: Quadrige Puf, 1991.
- 6 LOPES, R. L M. **O avesso da prevenção do câncer cérvico-uterino: o ex-sistir feminino sob a ótica da enfermagem**. Rio de Janeiro, 1996. Tese (Doutorado - Escola de Enfermagem Anna Nery). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 7 SARTRE, J.P. **Esquisse d'une théorie des émotions**. Paris, 1939.
- 8 TAKITO, C. Enfermagem: distinção entre ter e ser. **Rev. Paul. de Enferm.** São Paulo, v.2, n.2, p.25-26, jan./fev. 1982.

Endereço dos autores:

Av. Senador Virgílio Távora, 1900, aptº 401
Bairro Aldeota - CEP 60170-251
Fortaleza - Ceará - Fone: (085) 224-2758

ABSTRACT: Phenomenological analysis of lived experience expressed dramatically in the motion picture "The Doctor". For the analysis was used Martin Heidegger's philosophical